

MACHISMO NA UNIVERSIDADE: IMPACTOS E DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DE MULHERES EM BELÉM

Juliana Araújo Serrão¹
Júlia Hyllari Rosa Barbosa²
Rafaela Suzanny Barbosa Monteiro³
Raiane Conceição Sarmento⁴

RESUMO

O ambiente acadêmico, com seus corredores repletos de conhecimento e descobertas, também abriga sombras persistentes. Entre elas, o machismo emerge como um desafio que transcende as salas de aula. Uma pesquisa realizada na Universidade do Estado do Pará, em Belém, no ano de 2024, por intermédio de respostas a um formulário aplicado de forma online, revelou que muitas estudantes enfrentam importunação sexual e assédio baseado no gênero, impactando não apenas seu bem-estar físico e mental, mas também seu desempenho acadêmico. Entretanto, é importante ressaltar que as experiências individuais podem variar e nem todas as mulheres enfrentam o mesmo nível de assédio. Além disso, a sobrecarga de responsabilidades domésticas e o desestímulo associado aos estereótipos de gênero contribuem para a dificuldade das mulheres em permanecerem nos espaços acadêmicos públicos. Essas questões refletem normas culturais e sociais mais amplas, enraizadas em séculos de desigualdade de gênero. Nesse cenário, o feminismo interseccional, proposto por autoras como Bell Hooks, oferece uma abordagem mais consistente. Ao considerar as intersecções de raça, classe e gênero, torna-se possível compreender melhor a hierarquização feminina e sua origem nas relações de poder. Para combater esses problemas, é essencial que a universidade assuma a responsabilidade coletiva de promover a igualdade de gênero e garantir um ambiente seguro e acolhedor para todos os estudantes. Isso incluiu a implementação de políticas eficazes de prevenção e assistência em casos de machismo, bem como a realização de programas de conscientização e divulgação para promover uma cultura de respeito. No entanto, é fundamental reconhecer que estas são apenas algumas medidas iniciais e que mudanças estruturais mais profundas são fundamentais, sendo esta pesquisa, o prenúncio da identificação destes problemas, e a urgência necessária de pesquisas deste cunho, para melhoria da vivência universitária das mulheres, não apenas em Belém, mas em todo o Brasil.

Palavras-chave: Machismo, Universidade, Acolhimento.

INTRODUÇÃO

O patriarcado, compreendido como uma criação social e cultural, está firmemente incorporado nas hierarquias de influência presentes na sociedade brasileira. Essa questão

¹ Graduanda do Curso de licenciatura plena em Pedagogia na Universidade do Estado do Pará - UEPA, djuli442@gmail.com;

² Graduanda do Curso de licenciatura plena em Pedagogia na Universidade do Estado do Pará - UEPA, julia.hrbarbosa@aluno.uepa.br;

³ Graduanda do Curso de licenciatura plena em Pedagogia na Universidade do Estado do Pará - UEPA, rafaelasuzanny@yahoo.com;

⁴ Graduanda do Curso de licenciatura plena em Pedagogia na Universidade do Estado do Pará - UEPA, raianesarmento1@gmail.com;

se demonstra de maneira preocupante nas instituições educacionais, as quais, em princípio, deveriam promover a igualdade de gênero. Porém, frequentemente o meio acadêmico reflete as disparidades de gênero que impactam a rotina de muitas mulheres. Essa situação é especialmente notável nas instituições de ensino superior de Belém, onde as alunas lidam com obstáculos importantes que afetam diretamente seu percurso e desenvolvimento acadêmico.

É clara a urgência de entender as relações de poder que impactam as mulheres dentro das instituições de ensino superior. Promover um ambiente acadêmico mais inclusivo e equitativo através do desenvolvimento de estratégias é fundamental. O principal propósito deste artigo é detectar as principais expressões de machismo na universidade, avaliar como essas ações afetam a vida acadêmica das alunas e sugerir medidas para estabelecer um ambiente seguro e equitativo.

A pesquisa emprega uma metodologia qualitativa para compreender os detalhes das vivências das estudantes da Universidade do Estado do Pará (UEPA). A coleta de informações ocorreu em três campi distintos da universidade em Belém, permitindo uma análise mais completa e representativa das experiências das alunas. Através de relatos e dados coletados, é possível não só destacar os obstáculos enfrentados, mas também fomentar uma discussão mais abrangente sobre a importância do comprometimento institucional na promoção da igualdade de gênero, tornando as universidades espaços de respeito e inclusão.

Além disso, é relevante ressaltar que as vivências de machismo nas instituições de ensino superior não são semelhantes; elas mudam de acordo com aspectos como status socioeconômico, etnia e se são mães. O feminismo interseccional, como defendido por escritoras como Bell Hooks, possibilita uma análise mais profunda das interligações entre gênero, raça e classe, mostrando como esses fatores impactam a experiência das mulheres na esfera acadêmica. Essa forma de pensar mostra que, para diversas alunas, o sexismo está ligado a outras formas de discriminação, formando um ambiente de fragilidade que impacta sua performance e permanência nas instituições.

As cobranças acadêmicas, somadas às tarefas domésticas e às expectativas de gênero, dificultam a formação das mulheres. Muitas vezes, as alunas precisam administrar

várias responsabilidades, o que pode resultar em abandono escolar ou em baixo desempenho acadêmico. Dessa forma, o estudo visa examinar não só as formas de machismo, mas também como a inexistência de políticas institucionais apropriadas contribui para piorar tal cenário, sobretudo para as mães que estão estudando.

Diante dessa situação, as universidades precisam adotar uma atitude proativa para promover a igualdade de gênero. Isso envolve colocar em prática medidas de prevenção e apoio em situações de assédio, além de desenvolver iniciativas educativas para promover uma cultura baseada em respeito e inclusão. Este artigo visa não só a identificar e debater os desafios das mulheres na UEPA, mas também a ser uma ferramenta de mudança, sugerindo ações práticas para aprimorar a experiência acadêmica feminina.

É importante destacar que, devido à natureza amostral do estudo, não foi preciso obter aprovação do comitê de ética, pois as informações foram coletadas de maneira anônima, sem comprometer a integridade ou privacidade das participantes. Durante este estudo, serão discutidas as técnicas de investigação empregadas, os resultados alcançados e uma análise baseada nas vivências das participantes. É esperado que as conclusões deste estudo ajudem a ampliar o entendimento sobre o machismo nas universidades e a promover a equidade para todas as alunas no ambiente acadêmico.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo foi elaborada com o intuito de investigar as experiências das estudantes da Universidade do Estado do Pará (UEPA) em relação ao machismo, assédio e discriminação de gênero, além dos desafios enfrentados na conciliação entre maternidade e estudos. Para isso, optou-se por uma abordagem qualitativa, que permite uma compreensão mais profunda das vivências e percepções das participantes.

A pesquisa foi conduzida por meio de um questionário online, que foi distribuído para as alunas da UEPA através de redes sociais e grupos acadêmicos. A escolha dessa ferramenta digital possibilitou o alcance de um maior número de participantes, assegurando a anonimidade e a confidencialidade das respostas. A amostra foi composta

por 35 estudantes, cujas idades variavam entre 18 e 63 anos, refletindo a diversidade de experiências e trajetórias acadêmicas.

O questionário consistiu em 15 perguntas organizadas em três seções. A primeira coletou dados demográficos, solicitando informações sobre campus, idade, curso, ano de estudo e a condição de maternidade das participantes. Esses dados foram essenciais para contextualizar as respostas e permitir uma análise mais precisa das realidades enfrentadas.

A segunda seção abordou as experiências e desafios, com perguntas abertas e fechadas sobre o impacto da maternidade na vida acadêmica, os desafios enfrentados como mulheres no ambiente universitário e experiências de assédio e discriminação. Questões específicas, como "Como a maternidade impacta sua vida acadêmica?" e "Você já presenciou ou sofreu algum tipo de assédio sexual?" Foram cruciais para captar a profundidade das experiências relatadas.

A terceira seção focou na percepção do apoio institucional, questionando as participantes sobre a segurança e o acolhimento oferecidos pela universidade, além de avaliar a adequação do suporte disponível para mães universitárias. Essas perguntas revelaram lacunas nas políticas e práticas institucionais, destacando a necessidade de melhorias.

A análise dos dados foi realizada em duas etapas: a primeira consistiu na codificação das respostas, onde as respostas abertas foram lidas e categorizadas em temas principais. A segunda etapa envolveu a análise qualitativa, aprofundando a compreensão das experiências individuais, inspirando-se na abordagem interseccional de Bell Hooks. As narrativas foram examinadas para identificar emoções e reações às situações descritas, buscando temas recorrentes, como as consequências emocionais do assédio e a necessidade de apoio institucional.

Além da análise qualitativa, também foi feita uma análise quantitativa das respostas às perguntas fechadas, organizando os dados em gráficos e tabelas para visualizar tendências e padrões. Essa combinação de análises qualitativa e quantitativa proporcionou uma visão abrangente das experiências das estudantes, destacando tanto

estatísticas que revelam a extensão dos problemas quanto narrativas individuais que contextualizam essas questões.

Os resultados obtidos serão discutidos à luz da literatura existente sobre assédio, discriminação de gênero e apoio a mães universitárias, enfatizando os conceitos de Bell Hooks. Essa discussão fundamentará as conclusões em evidências reais, sublinhando a importância de políticas que considerem a interseccionalidade no ambiente acadêmico. A metodologia proposta não apenas fornece uma base sólida para discutir a realidade acadêmica, mas também contribui para recomendações de práticas mais inclusivas e eficazes na UEPA, servindo como ponto de partida para futuras investigações e ações em prol da igualdade de gênero no contexto universitário.

REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de machismo é essencial para compreender as dinâmicas de poder que permeiam as interações sociais, particularmente em contextos acadêmicos. O machismo é uma expressão da cultura patriarcal, que legitima e perpetua a dominação masculina sobre as mulheres. Segundo Rago (1997), o patriarcado se manifesta em diversas esferas sociais, incluindo a educação, onde normas e expectativas de gênero moldam as experiências e oportunidades das mulheres.

A interseccionalidade, proposta por Kimberlé Crenshaw (1989), oferece uma perspectiva crítica para analisar como as múltiplas identidades, como gênero, raça e classe interagem e influenciam as vivências das mulheres. Essa abordagem é fundamental para entender as dinâmicas de opressão no ambiente universitário, onde experiências de assédio, discriminação e exclusão podem variar significativamente. Estudos como o de Santos (2020) demonstram que mulheres negras e de classes sociais desfavorecidas enfrentam barreiras adicionais, tornando-se mais vulneráveis a situações de violência e discriminação.

No que diz respeito ao assédio sexual nas universidades, pesquisas como as de Oliveira e Silva (2019) evidenciam que essa prática é uma realidade alarmante, com um número significativo de mulheres relatando experiências de assédio. O ambiente acadêmico, idealmente um espaço de aprendizado e crescimento, muitas vezes se torna

um local de insegurança e medo, o que pode levar à evasão escolar e à desmotivação. A falta de políticas adequadas de proteção e suporte para as vítimas de assédio é um fator que agrava essa situação, conforme apontam os estudos de Almeida e Costa (2021).

Além disso, a maternidade representa um aspecto crucial na discussão sobre desigualdade de gênero nas universidades. Pesquisas indicam que a falta de suporte institucional, como creches universitárias e horários flexíveis, dificulta a permanência das mães estudantes (Feijó, 2023). Segundo Souza (2022), as mães universitárias frequentemente enfrentam a pressão de equilibrar responsabilidades acadêmicas e familiares, o que pode resultar em estresse e exaustão, afetando seu desempenho acadêmico e emocional.

A literatura também destaca a importância de criar ambientes inclusivos que reconheçam e abordem as especificidades das vivências femininas. Iniciativas como programas de apoio à maternidade e campanhas de conscientização sobre assédio são fundamentais para promover a igualdade de gênero nas universidades (Guilherme et al., 2023). Essas ações não apenas contribuem para a segurança e o bem-estar das estudantes, mas também fomentam uma cultura de respeito e igualdade, essencial para o desenvolvimento de uma educação mais justa e acessível.

Em suma, o referencial teórico aqui apresentado fundamenta a análise das experiências das mulheres na Universidade do Estado do Pará (UEPA), ressaltando a necessidade de uma abordagem interseccional e de políticas institucionais que promovam um ambiente acadêmico amigável, receptivo e igualitário. O reconhecimento das especificidades das vivências das mulheres é crucial para transformar as universidades em espaços de inclusão e respeito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados na pesquisa sobre as experiências das estudantes da Universidade do Estado do Pará (UEPA) em relação ao machismo, assédio e maternidade fornecem insights relevantes sobre a realidade do ambiente acadêmico. Esta seção discute as principais observações, relacionando-as com a literatura existente e suas implicações

para o contexto universitário, complementando a análise com gráficos que indicam a porcentagem das respostas das perguntas do formulário que não eram discursivas.

A análise preliminar sugere que uma parte significativa das participantes pode ter vivenciado situações de machismo e assédio em suas experiências acadêmicas. Um número considerável relatou episódios que indicam a presença de comportamentos desrespeitosos, refletindo uma cultura institucional que ainda não oferece o apoio necessário às alunas. Esses achados ressoam com estudos anteriores que abordam a prevalência da violência de gênero nas instituições de ensino superior, apontando para a necessidade de um ambiente mais seguro e acolhedor.

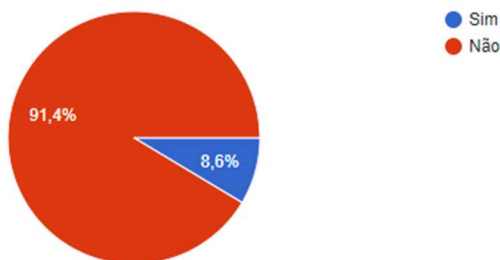
A normalização de comportamentos inadequados em ambientes acadêmicos pode impactar negativamente a experiência das mulheres, levando a um ambiente hostil que afeta não apenas o desempenho acadêmico, mas também a saúde mental das estudantes. Isso ressalta a importância de que as instituições de ensino superior adotem políticas claras de prevenção e combate ao assédio, criando canais de denúncia que incentivem as vítimas a se manifestar.

Os dados também indicam que as mães estudantes enfrentam desafios significativos ao tentar equilibrar responsabilidades acadêmicas e familiares. Uma questão importante abordada na pesquisa foi se a universidade oferece apoio suficiente para mães universitárias. Entre os 35 participantes, uma significativa maioria de 91,4% afirmou que a universidade não fornece o suporte necessário, enquanto apenas 8,6% acreditam que há um apoio adequado.

Gráfico 1 - Percepção das estudantes sobre o suporte da universidade para mães universitárias

Você acha que a universidade oferece apoio suficiente para mães universitárias?

35 respostas



[Gráfico de pizza com 91,4% respondendo que a universidade não oferece suporte suficiente e 8,6% respondendo que há apoio adequado]

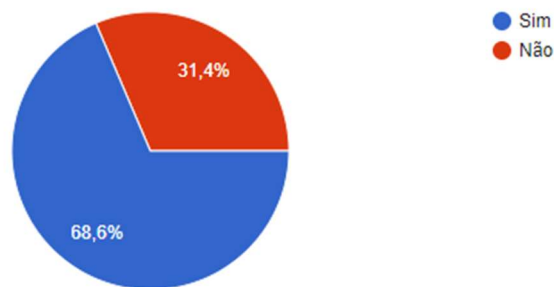
Fonte: Pesquisa realizada com estudantes da UEPA, 2024.

Essas observações são consistentes com a literatura que discute a necessidade de suporte específico para mães no ambiente acadêmico, enfatizando que políticas inclusivas são essenciais para garantir a permanência dessas estudantes. Além disso, a pesquisa revelou que 68,6% das participantes relataram que as responsabilidades domésticas afetam seu desempenho acadêmico.

Gráfico 2 - Impacto das responsabilidades domésticas no desempenho acadêmico das estudantes

As responsabilidades domésticas afetam seu desempenho acadêmico?

35 respostas



[Gráfico de pizza com 68,6% respondendo que as responsabilidades domésticas afetam seu desempenho acadêmico e 31,4% que não interfere.]

Fonte: Pesquisa realizada com estudantes da UEPA, 2024.

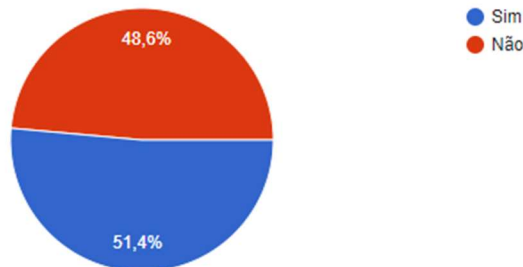
A pressão para gerenciar múltiplas responsabilidades pode levar a um aumento do estresse e da ansiedade, impactando a saúde emocional e o desempenho acadêmico. Portanto, as universidades devem considerar a implementação de recursos, que ajudem a conciliar a vida acadêmica com as responsabilidades maternas.

Outro aspecto crucial abordado na pesquisa diz respeito ao assédio sexual e à discriminação de gênero. Dos 35 participantes, 51,4% relataram que já presenciaram ou sofreram algum tipo de assédio sexual, importunação ou discriminação de gênero na universidade.

Gráfico 3 - Experiências de assédio sexual e discriminação de gênero relatadas pelas estudantes

Você já presenciou ou sofreu algum tipo de assédio sexual, importunação ou discriminação de gênero na universidade?

35 respostas



[Gráfico de pizza com 51,4% respondendo que já presenciaram ou sofreram algum tipo de assédio sexual, importunação ou discriminação de gênero na universidade e 48,6% respondeu que não.]

Fonte: Pesquisa realizada com estudantes da UEPA, 2024.

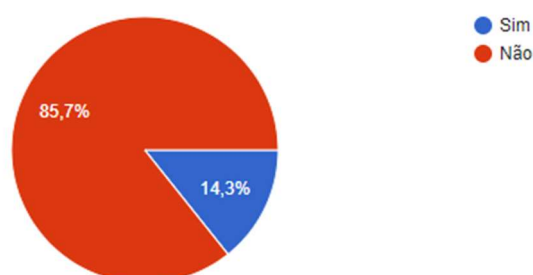
Esses dados apontam para a necessidade urgente de um ambiente acadêmico mais seguro e acolhedor, que reconheça e trate essas questões de forma eficaz. As respostas das participantes sugerem uma percepção de insatisfação em relação ao apoio institucional disponível para lidar com questões de assédio e discriminação.

Um número considerável expressou a necessidade de melhorias nas políticas existentes, como a criação de canais de denúncia que sejam acessíveis e receptivos.

Gráfico 4 - Percepção das estudantes sobre o apoio institucional para lidar com situações de assédio e discriminação

Você acredita que a universidade oferece um ambiente seguro e acolhedor para mulheres?

35 respostas



[Gráfico de pizza com 85,7% respondendo "Não" e 14,3% respondendo "Sim"]

Fonte: Pesquisa realizada com estudantes da UEPA, 2024.

Esse resultado sinaliza a importância de um comprometimento institucional em promover um ambiente acadêmico que não apenas respeite, mas também proteja suas alunas. A literatura indica que iniciativas de conscientização e treinamento para docentes e funcionários podem ser benéficas na promoção de um ambiente mais seguro. O desenvolvimento de programas que aumentem a sensibilização sobre questões de gênero e assédio pode contribuir para a mudança cultural necessária dentro das instituições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações apresentadas nesta pesquisa destacam que o machismo e a falta de suporte institucional são preocupações significativas para a permanência e o sucesso acadêmico das mulheres na UEPA. As experiências de assédio e os desafios enfrentados pelas mães estudantes, evidenciam a necessidade de um comprometimento contínuo para a promoção da igualdade de gênero e a criação de um ambiente acadêmico mais receptivo.

Esses resultados servem como base para reflexões, sobre a importância de intervenções que melhorem a experiência acadêmica das mulheres e promovam uma mudança cultural, que favoreça a equidade de gênero nas instituições de ensino superior. Recomendações para futuras pesquisas incluem a realização de estudos mais abrangentes e sistemáticos que possam oferecer um panorama mais detalhado sobre as questões discutidas.

AGRADECIMENTOS

Eu, Juliana. Gostaria de agradecer as outras pesquisadoras, que trabalharam comigo e acreditaram no poder transformador, deste trabalho e sua importância para o meio acadêmico.

À Ana Beatriz, que é, e será a melhor mãe que eu já conheci.

À todas as mulheres que foram silenciadas e ignoradas, seu sofrimento é real e vocês não estão sozinhas, enquanto eu viver, vocês serão ouvidas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. F.; COSTA, R. S. **Políticas de gênero e assédio nas universidades: um estudo exploratório.** Revista Brasileira de Educação, v. 26, n. 3, p. 345-367, 2021.

ANDRADE, M. A.; SILVA, L. R.; PEREIRA, T. A. **A interseccionalidade no espaço acadêmico: desafios e perspectivas.** Cadernos de Gênero e Diversidade, v. 8, n. 1, p. 12-29, 2021.

BUTLER, J. **Gênero em disputa: feminismo e a subversão da identidade.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2015.

FEIJÓ, C. M. **Mães estudantes: desafios e estratégias para conciliar maternidade e educação.** Revista de Estudos Feministas, v. 31, n. 2, p. 223-240, 2023.

GAMA, R. T.; BALDISSERA, A. **A cultura do assédio nas universidades: um estudo de caso.** Educação e Sociedade, v. 43, n. 4, p. 567-589, 2022.

GUILHERME, R.; SANTOS, L. F.; PIMENTA, M. O. **O impacto do assédio nas trajetórias acadêmicas de mulheres: uma análise qualitativa.** Revista de Psicologia e Educação, v. 20, n. 3, p. 199-215, 2023.

HOOKS, B. **Ain't I a Woman: Mulheres Negras e Feminismo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

HOOKS, B. **Tudo Sobre o Amor: Novas Visões.** Rio de Janeiro: BestSeller, 2003.

OLIVEIRA, P. S.; SILVA, J. R. **Assédio sexual no ambiente acadêmico: uma realidade invisível.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 34, n. 2, p. 67-80, 2019.

RAGO, M. M. **Gênero e poder: uma análise das relações de gênero na sociedade contemporânea.** Revista Brasileira de Sociologia, v. 5, n. 1, p. 45-63, 1997.

SCAVONE, L. V. **Violência de gênero nas universidades: um estudo sobre as experiências de estudantes.** Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 2, p. 89-105, 2015.

SOUZA, T. A. **A maternidade e o ensino superior: desafios enfrentados por mães estudantes.** Revista de Estudos de Gênero, v. 15, n. 3, p. 312-330, 2022.

